

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT07.023

# DE QUE AMOR ESTAMOS FALANDO? ANÁLISE DE DESENHOS DA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA DE BIOLOGIA DA URCA

Alan Belizário Cruz<sup>1</sup>  
Renata Maria da Silva<sup>2</sup>  
Livânio Cruz dos Santos<sup>3</sup>  
Cicero Magerbio Gomes Torres<sup>4</sup>

## RESUMO

A educação sexual está presente em nosso cotidiano, fazendo parte das múltiplas dimensões que compõe a vida humana. O amor, por exemplo, é um tema muito presente de várias formas, através de propagandas, de conversas familiares, programas televisionados e em músicas. O amor também se apresenta nessas formas com vários significados, o amor romântico, o amor líquido, o amor possessivo, entre outras significações, a depender das pessoas envolvidas nesse processo. À vista disso, este trabalho visa analisar desenhos sobre qual tipo de amor os/as estudantes percebem na música de Rita Lee, “Amor e Sexo “. Atividade foi fruto de uma prática pedagógica, durante a regência no Programa de Residência Pedagógica de Biologia da URCA, em

1 Doutorando/a em Ensino de Ciência da Universidade Federal-UFC [alanbelizariocruz@gmail.com](mailto:alanbelizariocruz@gmail.com);

2 Mestranda em Educação da Universidade Federal do Ceará - UFC, [renatapesqedoc.sexbio@gmail.com](mailto:renatapesqedoc.sexbio@gmail.com);

3 Doutor em Ecologia e Recursos Naturais da Universidade Federal do Ceará - UFC, [livanio.santos@urca.br](mailto:livanio.santos@urca.br);

4 Professor do Departamento de Ciências Biológicas da Universidade Regional do Cariri - URCA, [cicero.torres@urca.br](mailto:cicero.torres@urca.br).

Barbalha - CE, no período do segundo semestre de 2019, com 37 estudantes da 3ª série do ensino médio. Logo, esta pesquisa se caracteriza como sendo de natureza qualitativa, descritiva, exploratória, sendo um relato de experiência que utilizou o instrumento de coleta de imagens (desenhos). Para análise dos dados, foi usada a Análise de Conteúdo, estabelecendo categorias temáticas à priori, a intenção foi compreender se os/as estudantes tinham uma concepção de amor nos padrões heteronormativos, ou uma concepção plural do amor. Por isso, foi estabelecido as categorias “Amor Padrão” e “Amor Diverso”. Foram analisados 37 desenhos que apresentaram concepções dentro do amor convencional heteronormativo, com valorização da beleza, traição masculina e amor atrelado à construção familiar em 24 deles. As demais imagens apontaram uma visão diversificada de amor, sobre direitos, objetificação feminina, relações sáficas e homossexuais. Em vista disso, a pesquisa mostra que a percepção de amor entre esses/as jovens, é um constructo romantizado dentro de padrões estruturais patriarcais e heteronormativos, prevalecendo o amor apenas para o ato sexual e construção familiar, sem explorar as outras formas de amor existentes.

**Palavras-chave:** Amor, Gênero e Sexualidade, Residência Pedagógica de Biologia, Sexo.

## INTRODUÇÃO

A educação sexual constitui uma dimensão indissociável do cotidiano, atravessando práticas sociais, culturais, afetivas e corporais que conformam a vida humana. Nessa perspectiva, sua presença no espaço escolar não pode ser reduzida a um enfoque meramente médico-higienista, centrado na prevenção de doenças e na regulação dos corpos, como historicamente ocorreu em muitos contextos. É necessário ampliar esse olhar ainda muito imbricado ao conservadorismo, compreendendo a educação sexual como campo formativo sobre uma perspectiva ampliada para os/as professores/as de Biologia.

Promover reflexões críticas sobre uma educação sexual ampla, pautada no respeito às diferenças e na valorização da pluralidade das identidades de gênero e orientações sexuais, contribui para transformar a escola em um espaço de saberes que não estejam enviesados pelo conservadorismo e por crenças rigidamente ancoradas na religiosidade. Ao assumir tal compromisso, a instituição escolar se configura como um ambiente de diálogo, de enfrentamento às práticas discriminatórias e de promoção dos direitos humanos, colaborando, assim, para a formação integral dos sujeitos.

Assim, ao narrar novos modos de pensar a educação sexual, reafirma-se a necessidade de uma escola mais plural, inclusiva e democrática, capaz de responder às demandas contemporâneas da sociedade, diante do cenário atual, segundo Carvalho e Júnior (2018) Na Biologia ensinada na escola, mulheres, homens e crianças são corpos sistemas parados, estáticos, mobilizados em ilustrações, gráficos, classificações e conceito, e corpos estão em movimentos para que possamos pensar na dinamicidade do que ser professor/a.

Este trabalho visa analisar desenhos sobre qual tipo de amor os/as estudantes percebem na música de Rita Lee, "Amor e Sexo". Atividade foi fruto de uma prática pedagógica, durante a regência no Programa de Residência Pedagógica de Biologia da URCA, em Barbalha - CE, no

período do segundo semestre de 2019, esta análise será feita de uma forma que atravessa muitas nuances dentro do espaço escolar mais também para além dele.

Ele está estruturado com uma passagem de embasamento teórico com alguns autores fundamentais, seguido da metodologia, utilizando análise de conteúdo em desenhos. Os resultados foram apresentados de forma argumentativa em duas categorias analíticas.

## **PEDAGOGIA DO AMOR E FORMAÇÃO HUMANA: CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE BIOLOGIA**

### **A PEDAGOGIA DO AMOR COMO FUNDAMENTO EDUCACIONAL**

Falar de amor na educação é, antes de tudo, um gesto político e humano. O amor, compreendido não como afeto romântico, mas como força ética, relacional e transformadora, constitui um dos pilares da pedagogia libertadora proposta por Paulo Freire (1996). Para o autor, o ato de educar exige coragem, humildade e generosidade; é na amorosidade que se funda o diálogo verdadeiro entre sujeitos. O amor, nesse sentido, é a energia que sustenta a prática educativa comprometida com a vida e com a emancipação dos oprimidos.

Na mesma direção, Hooks (2013) amplia essa concepção ao afirmar que “ensinar é um ato de amor”, um exercício contínuo de presença e entrega que desafia o distanciamento emocional muitas vezes imposto pela racionalidade escolar. Para Hooks, a sala de aula deve ser espaço de envolvimento e escuta sensível, onde o amor se manifesta como uma prática de liberdade. Ensinar e reconhecer a humanidade do outro e criar condições para que o processo educativo se torne um campo de afeto, respeito e transformação.

Maturana (1998), ao discutir a biologia do amor, propõe que o amor é a emoção que sustenta as interações sociais e a própria continuidade da vida. Amar, para ele, é permitir que o outro exista ao nosso lado, reco-

nhecendo sua legitimidade como ser vivo e aprendiz. Essa perspectiva amplia o sentido da pedagogia do amor, deslocando-a de um campo puramente simbólico para um fundamento biológico e existencial. O amor, assim, não é adorno da educação, mas condição para o aprendizado e para o viver juntos.

Dessa forma, pensar uma pedagogia do amor é compreender o ato educativo como espaço de encontro entre sujeitos, onde o conhecimento se constrói no diálogo, na escuta e na reciprocidade. O amor se torna um princípio pedagógico que atravessa a formação docente e desafia a lógica da neutralidade científica, convocando educadores e educandos a olharem-se como seres integrais—razão e emoção, corpo e palavra, ciência e vida.

## FORMAÇÃO HUMANA E O SER DOCENTE

A formação de professores/as não está relacionada ao domínio de conteúdos e metodologias; é, antes de tudo, um processo de formação humana. Edgar Morin (2000), ao propor a reforma do pensamento, convida a educação a assumir sua tarefa essencial: preparar o ser humano para compreender a complexidade da vida. Isso implica cultivar uma sensibilidade que ultrapasse a técnica e o instrumental, abrindo espaço para o cuidado, a solidariedade e o reconhecimento da interdependência entre todos os seres.

Diante dos fatos a formação humana emerge como um caminho de autoconhecimento e de alteridade. O professor/a, ao formar-se, aprende também a se humanizar, a reconhecer-se em suas fragilidades e potencialidades. Paulo Freire (1997) ressalta que a docência é uma prática ética e estética, atravessada por sonhos, esperanças e contradições. Ensinar é um ato de coragem e amor, pois exige compromisso com o inacabamento do ser e com a transformação da realidade.

A dimensão do cuidado, presente nas reflexões de Leonardo Boff (1999; 2002), reforça essa perspectiva ao situar o ser humano como guar-

dião da vida. Cuidar é reconhecer o valor de tudo o que existe e atuar com responsabilidade sobre o mundo que habitamos. No campo educacional, o cuidado traduz-se em práticas pedagógicas que acolhem, escutam e respeitam o ritmo e a singularidade dos sujeitos. É nesse gesto que o amor se concretiza—não como sentimento idealizado, mas como atitude cotidiana de respeito e de partilha.

Assim, a formação docente precisa integrar razão e sensibilidade, ciência e emoção, reconhecendo que ensinar Biologia, por exemplo, não é apenas transmitir conteúdos sobre a vida, mas experimentar a vida em sua plenitude. A docência se torna, então, um exercício de amor e responsabilidade, onde cada encontro entre professor/a e estudante é uma oportunidade de humanização mútua.

## CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE BIOLOGIA

O ensino de Biologia, enquanto campo que lida diretamente com a vida, oferece um terreno fértil para práticas pedagógicas que valorizem o amor, o cuidado e a sensibilidade. A Biologia, mais do que uma ciência descritiva, é uma linguagem que nos conecta à totalidade do vivo—plantas, animais, microrganismos, corpos e ecossistemas. Nesse sentido, a pedagogia do amor se revela como uma aliada potente para ressignificar o ensino dessa disciplina, aproximando o conhecimento científico das dimensões éticas e afetivas da existência.

Carvalho e Gil-Pérez (2003) destacam que a formação de professores/as de Ciências deve promover uma reflexão crítica sobre os sentidos do ensino e da aprendizagem, superando visões simplistas e transmissivas. Inserir o amor como categoria de análise nesse contexto significa repensar a relação entre professor/a, estudante e conhecimento: não mais uma relação hierárquica, mas dialógica, onde o saber é construído com e para a vida.

A perspectiva de Fourez (1997) sobre o ensino das ciências como construção de sentido e cidadania também dialoga com essa proposta.

Ao ensinar Biologia com amor, o educador possibilita que o estudante perceba o valor intrínseco da vida e se reconheça como parte de uma rede interdependente de seres. Esse olhar sensível e crítico é fundamental para formar cidadãos capazes de agir com responsabilidade ambiental, ética e social.

Na Residência Pedagógica, esses princípios encontram espaço para materializar-se. As experiências vividas pelos residentes—ao desenhar, observarem e refletirem sobre o ato de ensinar—revelam dimensões afetivas que atravessam a prática docente. O desenho, nesse contexto, torna-se uma linguagem do amor: traduz percepções, afetos e significados que escapam à palavra escrita, mas que expressam o vínculo entre o ser docente e o mundo que o cerca. Assim, o ensino de Biologia, quando perpassado pela pedagogia do amor, deixa de ser apenas uma transmissão de conteúdos biológicos e se transforma em uma prática de vida, de cuidado e de encantamento com o mundo.

### SÍNTESE TEÓRICA: AMOR, VIDA E FORMAÇÃO

O amor, em sua essência pedagógica, é movimento que atravessa o ser e o saber. Ele une o que a fragmentação moderna separou: corpo e mente, ciência e sensibilidade, teoria e prática. A formação docente que se inspira na pedagogia do amor reconhece o professor/a como sujeito em constante construção—ser de relações, de afeto e de compromisso com o outro.

No ensino de Biologia, falar de amor é falar da vida. É compreender que toda célula, organismo ou ecossistema reflete uma teia de interdependências que também existe nas relações humanas. A pedagogia do amor convida o educador a ver no ato de ensinar uma forma de cuidado com o mundo, uma extensão do compromisso ético com a vida em todas as suas formas.

Assim, a formação humana e a pedagogia do amor entrelaçam-se como fios que sustentam a docência sensível e crítica. Amar, neste con-

texto, é resistir à desumanização; é afirmar a esperança e o compromisso com a vida que pulsa dentro e fora da sala de aula. É nesse gesto—amoroso, ético e profundamente humano—que o ensino de Biologia encontra seu verdadeiro sentido: o de educar para a vida, com a vida e por amor à vida.

## METODOLOGIA

Este trabalho tem abordagem qualitativa do tipo analítico e descritivo com o uso de imagens. Para Lüdke e Marli (1986), as pesquisas qualitativas em educação, trabalham com aspectos descritivos justamente por avaliar os detalhes dos ambientes, conversas, comportamentos, atividades, momentos, entre outras situações. É analítico por trabalhar com a técnica de análise conteúdo como uma forma sistemática para analisar os desenhos coletados e extrair a mensagem passada (Bardin, 2016). Ela é exploratória, pois tem a finalidade de desenvolver e esclarecer conceitos (Gil, 2008).

## MATERIAL, PARTICIPANTES E LOCAL

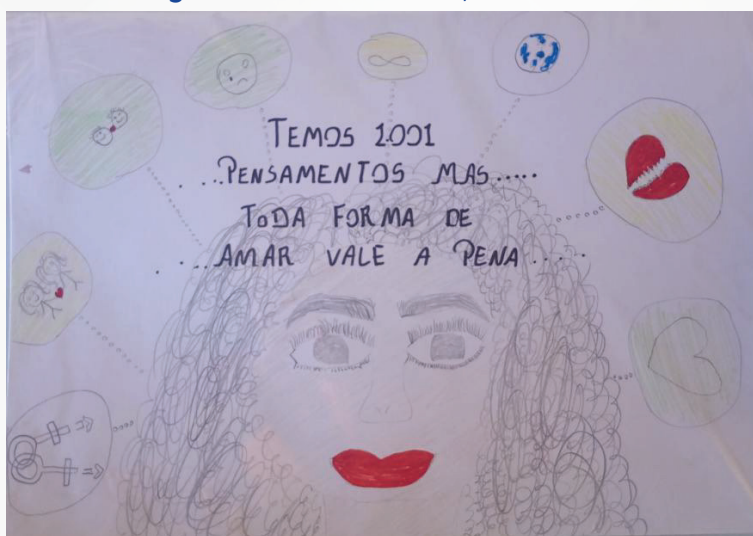
O material usado como *corpus* para análise foram 37 imagens do tipo desenhos a mão e lápis, que foram produzidos durante uma aula de Biologia, na terceira série do ensino médio de uma escola da cidade de Barbalha - CE, no segundo semestre de 2019, durante a regência no Programa Residência Pedagógica (PRP), subprojeto Biologia, edição 2018-2020, da Universidade Regional do Cariri (URCA). Para Bauer e Gaskell, o Acho que tem Dunga foi falar com cuidado . O uso de imagens como documentos para pesquisa pode fornecer resultados como dados primários a partir de situações históricas reais, Formando evidências visuais.

Durante a aula sobre cor humano Não , ela manda ver ela e sexualidade foi proposto a atividade com a utilização da música , amor e sexo de Rita Lee e logo após . Vamos à s alunos , alunas foram estimulados a desenharem a partir de suas percepções , como eles interpretavam a música ,

levando em conta como entendiam o amor e o sexo. A intenção era compreender qual tipo de amor Curso e as adolescentes pensam em fazer.

Para realização dessa atividade, foi utilizado folhas em branco de papel sulfite A4, canetas coloridas, lápis de cor e lápis de escrita grafite, tintas, canetas, notebook e caixa de som, durante a realização em 2 tempos de 50 minutos cada. Abaixo é possível ver um dos desenhos feito durante essa aula.

**Figura 1** - Desenho de um/a estudante.



**Fonte:** Arquivos pessoais (2019).

Esse desenho foi feito por um/a estudante que participou da aula, onde a pessoa tenta demonstrar pouco sobre o que interpreta da música e também sobre o que ele pensa em relação as diensões do amor e do sexo. “Osdesenhos são valorosas expressões gráficas que traduzem uma interpretação da realidade infantil [...]” (Pavan, 2009, p. 101). Os desenhos representam informações que estão ligadas à s emoções humanas, ao sentido, por isso a análise deles se torna pertinente nesse trabalho.

## ASPECTOS ÉTICOS

Por precaução, por ser uma temática que ainda sofre tabus na sociedade, opta-se por manter o anonimato referente ao nome da escola. O *corpus* deste trabalho é fruto de uma aula dentro de um programa de formação docente que já prevê atividades como essas, que podem gerar inquietações de pesquisa e material de análise. Sendo assim, não havendo necessidade de submeter essa pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisas (CEP), pois os dados da coleta que envolvem o nome da escola e o nome dos/as participantes não serão identificados, de acordo com a Resolução N° 510/2016.

## PROCESSO DE ANÁLISE

Para análise do *corpus* visual, optou-se pela técnica de análise de conteúdo da autora Laurence Bardin. Esse procedimento sistemático tem a finalidade de codificar, organizar e categorizar um conteúdo elegido como o objeto de pesquisa, procurando inferir sentidos e significados do que se analisa (Bardin, 2016).

O pressuposto dessa análise foi compreender se os participantes cultivam a ideia de amor e sexo dentro da percepção mais comum da cultura brasileira (heteronormativo, romântico, bíblico) ou se compreendem amor e sexo em outras perspectivas e representações.

O processo de análise começou com a seleção dos desenhos, chegando a quantidade de 37, montando assim o *corpus* de análise. Após, decidiu-se que a classificação seria realizada em relação às duas categorias definidas a priori, seguindo o objetivo deste trabalho presente no parágrafo anterior, categoria temática “1-Amor Padrão” e categoria temática “2-Amor Diverso”. Bardin (2016) conceitua caracterização sendo uma operação de classificação:

*A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida,*

por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, o caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão das características comuns destes elementos (Bardin, 2016, p. 147).

Foram recebidos 39 desenhos, onde 2 deles não constava nenhum tipo de desenho, apenas 1 risco, por isso foram descartados do *corpus*. Os 37 desenhos foram espalhados no chão, de forma linear em duas fileiras. Após começou o processo de interpretação e classificação dos desenhos, vendo quais representações de amor e sexo estão dentro do amor tradicional e qual tinha aspectos mais contemporâneos. Nesse movimento, separava-se à esquerda de que fazia a análise os desenhos mais contemporâneos e à direita os desenhos mais tradicionais.

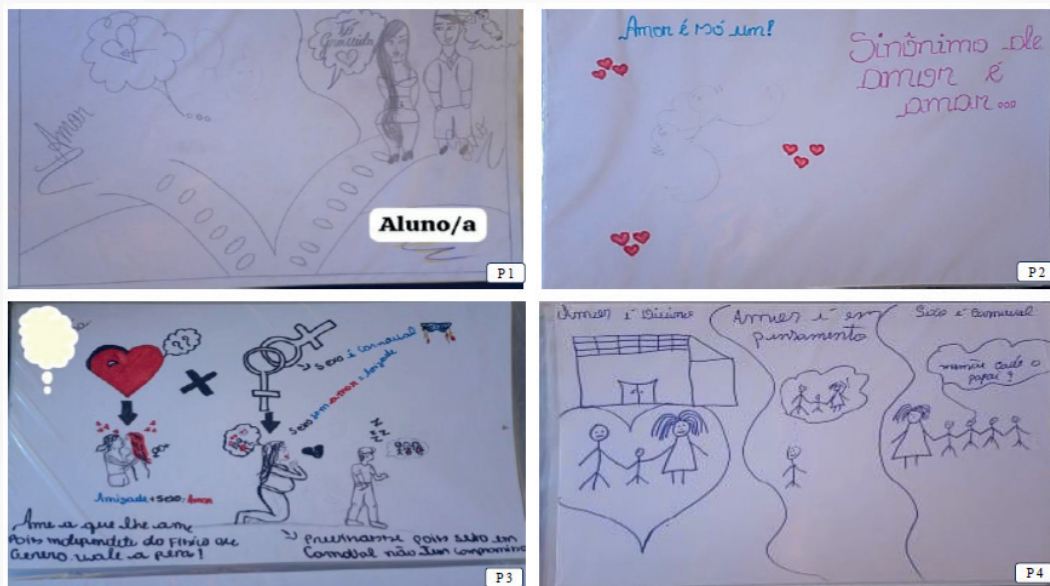
Não foram criadas subcategorias, visto que as categorias foram estipuladas diretamente ao objetivo desta pesquisa, o que levou a ser mais objetivo na classificação dos desenhos, entretanto, a interpretação de imagens não é algo simples

[...] a imagem é sempre polissêmica ou ambigua. E por isso que a maioria das imagens está acompanhada de algum tipo de texto: o texto tira a ambigüidade da imagem - uma relação que Barthes denomina de ancoragem, em contraste com a relação mais recíproca de revezamento, onde ambos, imagens e texto, contribuem para o sentido completo. As imagens diferem da linguagem de outra maneira importante para o semiólogo: tanto na linguagem escrita, como na falada, os signos aparecem seqüencialmente. Nas imagens, contudo, os signos estão presentes simultaneamente. Suas relações sintagmáticas são espaciais e não temporais (Penn, 2008, p. 322).

Esse processo de classificação foi feito 4 vezes, na quinta vez, chegou-se ao quantitativo de 24 desenhos que se agrupavam na categoria de “Amor Padrão” e 13 desenhos dentro da categoria “Amor Diverso”. Como o anexo de todos os desenhos não é plausível nesse gênero de trabalho, foi selecionado quatro desenhos de cada categoria para representá-las em

uma imagem do tipo galeria de desenhos. O nome da categoria consta na legenda de cada imagem abaixo.

**Figura 2** - Galeria de desenhos da categoria “Amor Padrão “

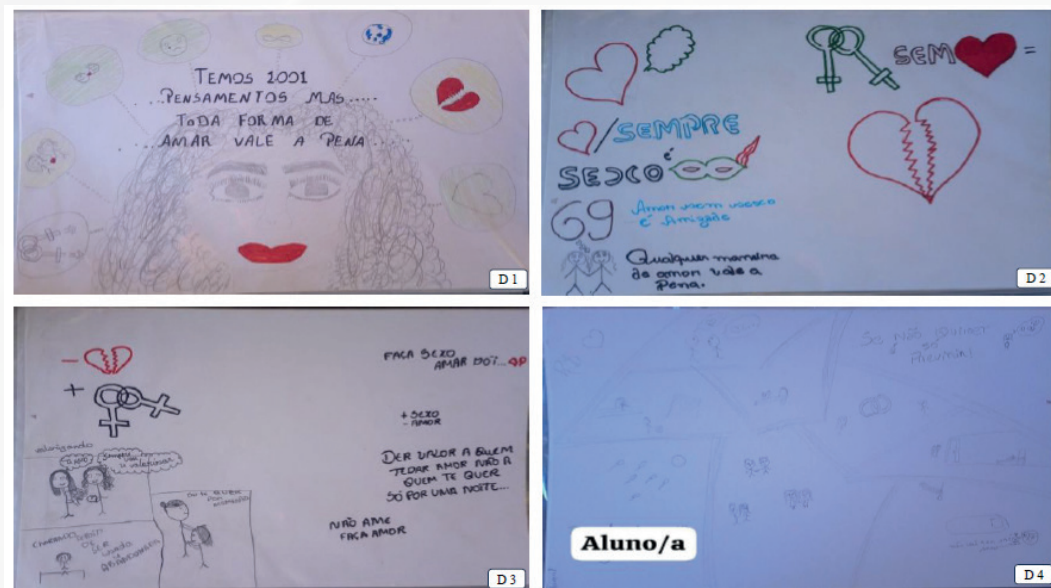


**Fonte:** Arquivos pessoais (2019), utilizando PowerPoint para montagem.

Na galeria acima está representado os quatro desenhos mais representativos da categoria “Amor Padrão “. Cada desenho dentro da galeria está representado por um código para melhor organização e descrição, onde “P “significa “Padrão”, seguido de um número para ordenar melhor os desenhos.

Na imagem 3, a galeria que representa a categoria “Amor Diverso”, traz os quatro desenhos mais significativos percebidos na análise. No canto inferior à direita de quem lê, tem um código, onde a letra “D “representa a categoria, seguido de um número para descrever uma ordem organizacional a melhor compreensão. A descrição desses resultados sistematizados aqui na metodologia, será feita na próxima seção.

**Figura 3** - Galeria de fotos da Categoria “Amor Diverso”.



**Fonte:** Arquivos pessoais (2019), utilizando PowerPoint para montagem.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Essa seção está dividida em duas subseções, cada uma com um título que descreve, interpreta e discute a categoria encontrada. Cada título inicia com o nome da sua categoria. Ao final desta sessão, encontre-se uma síntese dos resultados analisados .

### AMOR PADRÃO: DE QUE AMOR OS/AS ESTUDANTES QUEREM FALAR?

“Amor Padrão “ é um índice criado para representar os desenhos que demonstram o amor tradicional, que apresentam significados compatíveis ou relacionais às concepções heteroformativas das relações, representados pelo sistema religioso e patriarcal colonizador, como a formação familiar por um pai, uma mãe e uma criança, a traição e abandono masculina, amor romântico idealizado e não concretizado, entre outros fenômenos socialmente construídos e reproduzidos.

A Toledo (2013), ao discutir o ideal de amor romântico, fala sobre o papel da Indústria Cultural em alimentar esse modelo ideal de amor que se apresenta nessa sessão temática:

[...]notamos que os modelos que servem de base para a construção dos relacionamentos, especialmente no que concerne à união conjugal, fazem da completude amorosa a mais nobre e importante característica a ser levada em consideração. Esses valores são alimentados pela Indústria Cultural e pela propaganda, fazendo do encontro amoroso um bem de primeira ordem, remetendo-o à s imagens dos contos de fada (Toledo, 2013, p. 203).

Nesse contexto, a imagem 2 da galeria apresentada na metodologia, indica representações significativas em cada desenho anexado. No desenho “P1”, pode-se perceber a representação de um casal hétero, junto à à um comunicado de gravidez, em um caminho bifurcado, onde esse anúncio foi dito enquanto caminhavam pelo caminho “sexo “e não “amor “.O conto de fadas talvez não vá se realizar, já que o casal está no caminho do “sexo “.Essa representação muitas vezes é alimentadas pelas propagandas, discursos onde legitimam apenas uma unica forma de se relacionar, o romântico ideal como Toledo (2013) citou anteriormente.

Em “P2”, fica nítido senso de amor romântico, expresso pelo/a aluno/a, bem romantizado e inocente. No desenho “P3”, novamente vem representações de relacionamento hétero, com progresso para a gravidez e, posteriormente, com o abandono, isso levando em conta a parte do da música: “Sexo é Carnaval”, onde o estudante relacionou a situação, a importância da prevenção com uso de preservativo.

No desenho “P4”, o dono traz 3 contextos embutidos nesse modelo de amor descrito pela Toledo (2013): O primeiro momento fala e desenha o amor divino; no segundo momento expressa um amor como pensamento, algo abstrato; no terceiro momento coloca a parte do sexo desvinculado do amor, relacionando-o ao carnaval e ao abandono masculino novamente.

Percebe-se que em todos os desenhos o amor é colocado como algo bom, divino, superior e ideal. Quando se fala sobre o sexo, ele ocupa sempre o lugar de ruim, pois está atrelado a bodono por parte do homem, já que todos os desenhos simbolizam relações heteronormativas.

A relação heteronormativa é uma união sacramentada pela religião católica, de preferência dentro do casamento (o casamento é a autorização para o ato sexual entre duas pessoas de sexos diferentes), como explica Zordan, Falcke e Wagner (2014, p. 47):

A palavra casamento, do latim medieval *casamentu*, é definido como ato solene de união entre duas pessoas de sexos diferentes, capazes e habilitadas, com legitimação religiosa e/ou civil (Ferreira, 1995). Esta definição traz implícita uma série de significados. Inicialmente, considera-se um ato solene e ritualístico, ou seja, festejado com formalidades ditadas por leis e costumes. Neste sentido, fica expresso o caráter formal de constituição e transmissão de valores sociais que estão impregnados na vivência do matrimônio. Observa-se também, que o conceito contempla com exclusividade as uniões heterossexuais, possivelmente, por questões relacionadas à necessidade de perpetuação da espécie. As uniões homossexuais, desse modo, estão excluídas do conceito. Por fim, a definição de casamento quanto à questão da legitimação que, mais uma vez, parece relacionar-se à necessidade de aprovação na sociedade.

Nessa relação/jogo entre o homem e a mulher, Júnior (2010) publica sua conferência de abertura pela editora EDUEPB, o artigo onde fala sobre o comportamento masculino na sociedade é performada, vigiada e reproduzida como uma máquina de fazer macho entre os próprios, deixando explícito ao entendimento sobre essa negligência ao cuidado, que os homens não tem, o que pode explicar o abandono masculino tão presentes nos desenhos.

Vivemos em uma sociedade onde a heteronormatividade espera que homens desejem sexualmente mulheres, que homens gostem de mulheres, mas, ao mesmo tempo, esta sociedade define o masculino e o feminino de forma que não possam gostar um do outro, forma-os como estranhos, como mundos apartados, territórios difíceis de palmilhar. Numa sociedade como a nossa, nessa máquina de fabricar machos,

os machos só gostam é de si mesmos, pois só se pode gostar verdadeiramente, só se pode amar o que se admira, o que parece digno deste afeto. E aos olhos de um macho, as mulheres são apenas fêmeas, são apenas objeto de desejo de posse e de prazer imediato, são objeto de desejo de poder e domínio (Júnior, 2010, p. 30).

Nessa passagem fica claro, sem generalizar, mas sendo um paradigma social, como a reprodução do que é ser macho confronta com a representação de sexo e amor apresentado nos desenhos. Por isso, a incapacidade de cuidar coloca o sexo como carnaval, sem responsabilidade alguma e disvinculado do afeto.

### **AMOR DIVERSO: DE QUE AMOR OS/AS ESTUDANTES QUEREM FALAR?**

Nessa Subseção, a categoria “Amor Diverso” tenta representar os desenhos que simbolizam as relações contemporâneas e diversas, não mais pautado na heteronormatividade. Segundo a Leal (2022, p. 3), ao citar o que é o amor para HOOKS (2020b), conceitua que “o amor é ação e enquanto ação é comprometimento. Um comprometimento individual e coletivo, o qual permite às pessoas se enxergarem como interconectadas e interdependentes”. Nesse sentido, percebemos o amor e o sexo em diversas formas de comportamentos entre os/as sujeitos/as dos desenhos dessa categoria.

No desenho “D1” a percepção de amor individual e coletivo como jeito de pensar da pessoa que desenhou, onde até faz uma caricatura de alguém, ou inferindo, dela mesmo pensando. No desenho “D2” é evidente as manifestações de amor e sexo também, assim como do “D1”, com aspecto lésbico mais ecentuado, mais ainda com a separação do sexo e do amor. Enquanto que “D3” traz novamente a objetificação e abandono sexual da mulher na relação hétero e o comprometimento na relação lésbica. E o desenho “D4” representa vários contextos com relações homoafetivas, lésbicas e hetero, ligado ao uso do preservativo e os riscos de contaminação por AIDS.

Essa categoria mostra Um pouco da noção crítica sobre o amor e o sexo, principalmente quando deixa a inferir que as relações homoafetivas na qual, no geral dos desenhos se apresentam, são mais comprometidas. Para HOOKS (2020b, p. 123) “mudanças nas estruturas sociais são necessárias para que o amor se torne um fenômeno universal e não altamente individualista e marginal.” No entendimento de Maturana (1998), amar alguém é permitir que o outro possa existir ao seu lado. Isso corrobora com o senso de coletividade de HOOKS (2020b) e que percebemos nos desenhos, o amor plural, sem violência ou abandonos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do analisado, a maioria dos desenhos fala do amor tradicional padrão, pautado ainda nos modelos de ideias pautados nos ideias religiosos e patriarcais colonizadores. As duas categorias se mostram bastante diferentes uma das outras. A primeira desperta várias tempestades reflexivas sobre o modelo de amor colonizado, presente ainda na sociedade Brasileira. A segunda categoria se apresenta mais leve e plural, com concepções mais diversas sobre as formas de amor e sexo. A categoria “Amor Padrão” desperta maior preocupação por tratar de tantos casos de abandono, objetificação feminina e gravidez solo, o que merecia uma investigação mais profunda com base no campo da psicologia.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo. Edições 70, 2016

PENN, Gemma. **Análise semiótica de imagens paradas**. 2008. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. Pesquisa qualitativas com texto, imagem e som: um manual prático. Tradução: Pedrinho A. Guareschi. Petrópoles-RJ, Editora Vozes, 7. ed. 2008.

BOFF, Leonardo. **O cuidado necessário: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade.** Petrópolis: Vozes, 2002.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela Terra.** Petrópolis: Vozes, 1999.

CARVALHO, Anna Maria Pessoa de; GIL-PÉREZ, Daniel. **Formação de professores de Ciências: tendências e inovações.** 9. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

CARVALHO, Fabiana Aparecida; JÚNIOR, Álvaro Lorenci. Os discursos biológicos para os gêneros, as sexualidades e as diferenças no Brasil: um panorama histórico. **Revista Valore**, v. 3, p. 575-586, 2018.

FOUREZ, Gérard. **A construção das ciências: introdução à filosofia e à ética das ciências.** São Paulo: UNESP, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6 ed. São Paulo. Atlas. 2008.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas.** Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2020b. (2000)

JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. **Máquina de fazer machos: gênero e práticas culturais, desafio para o encontro das diferenças.** In: MACHADO, CJS., SANTIAGO, IMFL., and NUNES, MLS., orgs. *Gêneros e práticas culturais: desafios históricos e saberes interdisciplinares* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2010. 256 p. ISBN 978-85-7879-038-7.

LEAL, Halina Macedo. Amor e educação libertadores em Bell Hooks. *Revista de Filosofia Kalagatos*, v. 19, n.º 1, 2022.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política.** Belo Horizonte: UFMG, 1998.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; UNESCO, 2000.

PAVAN, Beatriz Janine Cardoso. **O olhar da criança sobre o desastre: uma análise baseada em desenhos**. In: VALENCIO, Norma *et al.*. Sociologia dos desastres: construção, interfaces e perspectivas no Brasil. Versão Eletrônica. RiMa. 2009. Disponível em: [livro-sociologia-dos-desastres-versao-eletronica-libre.pdf](#). Acesso em: 29 out. 2025.

TOLEDO, Maria Thereza. Uma discussão sobre o ideal de amor romântico na contemporaneidade: do Romantismo aos padrões da Cultura de Massa. **Revista Eletrônica MídiaeCotidiAno**, L. n.º 2, p. 201-218, jun. 2013.

ZORDAN, Eliana Piccoli; FALCHE, Denise; WAGNER, Adriana. **Copiar ou (re) criar? Perspectivas histórico-contextuais do casamento**. In: WAGNER, Adriana (Org.). Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares. Porto Alegre: EdiPUCS, 2014. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=ElrxCAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA47&dq=igreja+criou+o+casamento&ots=Mzt79sqdam&sig=LQU6tIhCkOtG4oFFmJHMJ8DP0gM&redir\\_esc=y#v=one-page&q=igreja%20criou%20o%20casamento&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=ElrxCAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA47&dq=igreja+criou+o+casamento&ots=Mzt79sqdam&sig=LQU6tIhCkOtG4oFFmJHMJ8DP0gM&redir_esc=y#v=one-page&q=igreja%20criou%20o%20casamento&f=false). Acesso em: 05 nov. 2025.